

Mudança de Práticas Mudança de Atitudes

Manuel Mota Moreira*

Com um título destes poderíamos ser levados a pensar que iria fazer deste momento um muro de lamentações — uma vez que há tanto a mudar — mas não é esse o meu objectivo.

Não será necessária uma grande reflexão da nossa parte para constarmos que há efectivamente muita coisa a mudar. Basta pensarmos um pouco nos últimos anos. Pese embora as declarações de intenções e os discursos, o que mudou efectivamente?

A tendência mais primária seria dizer que nada mudou. Pela minha parte recuso alinhar nesta visão derrotista. É certo que há ainda muito a fazer, mas também é certo que alguma coisa já mudou. Destaco aqui alguns aspectos francamente positivos da Reforma Educativa em curso e, neste âmbito, os Novos Programas de Educação Física. Em minha opinião um excelente documento.

Pois bem, mudança a que nível?

Quando nos propomos reflectir sobre a mudança de práticas e mudança de atitudes, importa saber identificar e caracterizar, como primeiro passo, o contexto em que nos movimentamos, ou seja, o próprio Sistema Educativo e, dentro deste, em particular a prática da Educação Física. Vamos deixar para já «um pouco de lado» o Sistema Educativo e essa entidade algo abstrata a que vulgarmente chamamos Poder Central. Merecem concerteza uma análise bem cuidada mas não é esse o principal propósito desta reflexão. De qualquer maneira sempre diremos que deles continuamos a esperar a grande mudança, ou seja, que de uma vez por todas a Educação Física seja considerada como algo

* Licenciado em Educação Física.

Boletim SPEF, n.º 5/6 Verão/Outono de 1992, pp. 57-63.

imprescindível na Formação Multilateral e Equilibrada da criança. E que, naturalmente, sejam facultados os meios necessários ao cumprimento das suas Finalidades. Não vou pois argumentar em favor desta evidência por me parecer demasiado óbvia.

O papel das autarquias

Quero em seguida destacar o papel que as Autarquias podem assumir neste processo de mudança. Julgo existir ainda uma visão algo distorcida deste papel, quer por parte dos professores, quer por parte das próprias Autarquias. A questão poderá ser colocada desta forma: A que nível, pode uma Câmara Municipal, por exemplo, intervir de forma eficaz na promoção de uma efectiva mudança na qualidade da prática da Educação Física nas Escolas do 1.º Ciclo? Respondo: Em vários e importantes níveis.

Já ouvi responsáveis autárquicos afirmar que não lhes cabem responsabilidades directas na Formação de Professores.. Que essa responsabilidade caberá ao Ministério da Educação através das «ESE.s» ou qualquer outro organismo. Talvez sim. Pela minha parte prefiro ver o problema de um outro ângulo, que é o de não separar o problema da Formação das outras vertentes em que essa intervenção possa acontecer.

Quando se fecham as salas de uma Escola «P3», não está a haver uma forte intervenção na organização do ensino, na prática de alunos e professores? E quando a Junta de Freguesia oferece um projector de «slides», à escola que necessitava de um projector de acetatos, não acontece o mesmo? E quando se promove ou apoiam determinadas acções de formação (provavelmente em desfavor de outras), não é ainda a mesma coisa que acontece? Penso que a resposta é afirmativa. Não quero entrar nos domínios da política do poder local, mas se é verdade que uma das preocupações fundamentais das Autarquias é O Jovem e a Escola, então necessariamente a sua intervenção tem que passar pela Escola e pela qualidade das práticas que aí acontecem.

Não haverá certeza uma fórmula mágica que leve a que também as Autarquias mudem a sua atitude face às coisas da Educação Física. Mas, os bons exemplos que começam a despontar, e, porque não, também este Congresso, podem ser um bom suporte na reflexão desta problemática. Uma coisa tenho como dado adquirido: Podem as Autarquias, assim o queiram, ter um bom desempenho nesta matéria.

Os professores

Avançando um pouco, queria centrar a minha atenção sobre aquela que me parece ser a questão essencial: A da prática do professor, ligando esta, decisivamente, à da prática dos alunos.

A prática da Educação Física pelo professor do 1.º Ciclo — e esta é concerteza uma afirmação polémica — é, ainda, muito pobre.

Também por isso, a prática dos alunos é muito pobre.

Tem-se argumentado frequentemente com a carência de recursos das escolas, como impedimento a uma prática eficaz da Educação Física.

Tal como se tem argumentado com a pouca formação dos professores nesta área. Saliento que este tipo de argumentação tem sido veiculado quer por professores do 1.º Ciclo quer por professores de Educação Física. Concordo mas com reservas. Em meu entender esta é apenas uma parte, pequena, do problema.

Afirmei que a prática da Educação Física é pouca e pouco estruturada. Já não posso afirmar tão categoricamente que o professor do 1.º Ciclo necessite, ou queira, como uma das primeiras prioridades, Programas ou Acções de Formação. Aqui incluo, naturalmente, programas ou acções de formação em Educação Física. Isto é: A oferta de formação e a disponibilização de recursos não resolvem por si, nem são razão determinante para uma prática eficaz e coerente da Educação Física.

Então, o que deve mudar afinal?

Ao contrário do que alguns espíritos mais pessimistas têm afirmado, julgo não estar em causa a mudança do Sistema, dos Modelos das Escolas de Formação ou dos próprios Programas.

QUADRO 1



Uma mudança essencial é a mudança de atitude. Que, a meu ver, tem a seguinte leitura: Enquanto a Educação Física não for uma necessidade Sentida e Assumida pelos professores, não há Formação nem Recursos que nos valham...

Mas, as atitudes são simultaneamente causa e efeito da Prática do Professor e do seu Conhecimento. Este processo dinâmico «Conhecimento/Prática», mais do que um movimento colectivo, é algo de pessoal, é uma construção lenta e cheia de contradições. E conhecer o quê? A criança em mudança, a escola em mudança, a nossa própria prática que também se quer em mudança. Tanta mudança exige por certo uma grande disponibilidade e um grande investimento da nossa parte. O que todos juntos podemos fazer, como aqui, é talvez, contribuir para uma

QUADRO 2
ORGANIZAÇÃO DO ENSINO/NÍVEIS DE INTERVENÇÃO

«SISTEMA»	ESCOLA	PROFESSOR
— FORMAÇÃO DE PROFESSORES	PROJECTO EDUCATIVO DE ESCOLA	CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE
— RECURSOS	(SITUAÇÃO DA E. E. F.-M. NO QUADRO MAIS GERAL DAS TAREFAS DA ESCOLA — OBJECTIVOS)	OBJECTIVOS DA CLASSE
— FINALIDADES DO ENSINO	LEVANTAMENTO DE RECURSOS	— DEFINIÇÃO DE PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO
— OBJECTIVOS DE CICLO E DE ANO • OBJECTIVOS DA E. E. F.-M.	SELECÇÃO, CLASSIFIC. E PLANIFICAÇÃO DE ACTIVIDADES	• METODOLOGIAS • ESTRATÉGIAS • ESTILOS DE ENSINO

QUADRO 3
OPERACIONALIZAÇÃO (MODELO SIMPLIFICADO)
DO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

PRÁTICA DO PROFESSOR	PRÁTICA DO ALUNO
— PRINCÍPIOS GERAIS E CRITÉRIOS DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA	— DISPONIBILIDADE PARA APRENDER — APRENDIZAGEM/AQUISIÇÕES FACILITADAS
— OBJECTIVOS E EXTENSÃO DA E. E. F.-M.	— APRENDIZAGEM DAS MATÉRIAS ESSENCIAIS E ADEQUADAS
— CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS	— APRENDIZAGEM/DESENVOLVIMENTO EQUILIBRADO E EFICAZ
— METODOLOGIAS, ESTRATÉGIAS E ESTILOS DE ENSINO	— ACTIVIDADE PARTICIPADA E COOPERANTE DE ACORDO COM AS CARACTERÍSTICAS E MOTIVAÇÕES DE CADA UM E DO GRUPO
— SELECÇÃO E CONTROLE DAS SITUAÇÕES DE PRÁTICA	— ACÇÕES MOTORAS DE ACORDO COM AS CAPACIDADES DE CADA UM — AUTO-CONTROLE

mudança de atitude no sentido de reflectirmos e pormos em causa a nossa prática e o nosso conhecimento das coisas.

Um (possível) ponto de partida

Utilizei mais atrás a expressão «Organização do Ensino». Vou voltar a ela partindo da permissa de que só podemos agir e intervir directa e eficazmente na organização e na qualidade do ensino, (nomeadamente da Educação Física) se soubermos identificar e caracterizar o «Sistema» e os sistemas, e os níveis de intervenção de cada um dos protagonistas. E, sobretudo, se pudermos verificar e compreender os resultados da nossa prática. Os quadros que apresento mais não são do que uma proposta de metodologia na reflexão que aqui me propuz fazer convosco.

Do conjunto dos cinco quadros que aqui vos trago, julgo poder retirar algumas conclusões, em jeito de síntese:

- São vários os intervenientes na prática da Educação Física. O professor não tem que se preocupar com tudo... Ou seja, cada um deverá conhecer e assumir o seu nível de responsabilidade.
- Não sendo uma relação linear, há contudo uma relação entre a prática do professor e a prática do aluno. «Uma boa prática induz uma boa prática».
- A finalidade da Escola é Multidisciplinar, tal como o é a tarefa do Professor. A Educação Física tem o seu lugar próprio neste complexo de finalidades e tarefas.
- O professor deve ter recursos e conhecimentos para uma prática gratificante da Educação Física.
- É preciso novos conhecimentos para novas práticas e novas práticas para novos conhecimentos.

Termino com algumas palavras «emprestadas». Foram proferidas pelo ex-Ministro da Educação, eng. Roberto Carneiro no Simpósio da SPEF sobre Formação de Professores em Abril do ano passado:

«...A nova escola portuguesa que quer formar cidadãos-agentes de mudança tem ela própria de incorporar o gosto pelo risco de mudar. [...]

[...] A mudança mais difícil é a que pretende atingir hábitos, atitudes, mentalidades, métodos de trabalho.

Por isso, ou o professor se reconhece como artífice da Reforma ou esta não poderá descolar do chão dos diplomas, das circulares, das bonitas concepções teóricas...»

QUADRO 4
ORGANIZAÇÃO INTEGRADA DO CURRÍCULO DO 1.º CICLO
(DOCUMENTOS DA COMISSÃO DOS NOVOS PROGRAMAS)

	EXP. E. F.-M.	EXP. MUS.	EST. MEIO	MAT.
EXP. E. FÍSICO MOTORA	*	— DESENV. SENSORIAL — ORIENT. TEMPORAL — ...	— ORIENT. ESPACIO-TEMPORAL — ...	— LATER. — RITMO — ...
EXP. MUSICAL	— DANÇAS — MOVIMENT. A PARTIR DE SONS — ...	*	—	—
ESTUDO DO MEIO	— CONHECIM. DO CORPO — EXPLOR. DA NATUREZA — ...	—	*	—
MATEM.	— NOÇÕES DE TEMPO — AGRUPAM. ORDENAÇÃO — NOÇÕES DE ESPAÇO (INICIAÇÃO À GEOMETR.) — ...	—	—	*

QUADRO 5
NÍVEIS DE INTERVENÇÃO DO PROFESSOR NO ENSINO DA E. E. F.-M.

